

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO

892
57
BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 1 DE JUNHO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 28

EXPEDIENTE

Anno. 6000

São nossos correspondentes :
Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino Marques da S. Pereira.
Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent. Francisco de Paula Pinheiro.
Em Juiz de Fóra, o Sr. Dr. José Caetano de Moraes e Castro.
No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha Lima.
Em Cataguazes, o Sr. Estevão José de Oliveira.

Apresentamos ao publico do interior o Sr. Eugenio Augusto Pinto, actualmente em pro da província de Minas, no carácter de nosso companheiro de redacção e representante d'esta folha.

Lisongeando-nos que lhe será dispensado favorável acolhimento, confessamo-nos sumamente agradecidos pelos favores e finezas com que o distinguirem.

Pedimos com instância a remessa da importância das assignaturas, por ser esse o único recurso com que contamos para o sustento d'esta empreza.

Rio, 1 de Junho de 1887.

CHRONICA POLITICA

O poder é o poder!

Sabem os leitores que esta proclamação titanica é o grande descobrimento político, a alavanca de Archimedes do Sr. Silveira Martins. Sua ex. apropriou-se d'ella porque é a definição de si mesmo; com ella é capaz de fazer a terra cavalgar a lua ou precipitar-se o universo.

Troando pela primeira vez dos labios do illustre senador na cámara dos deputados, foi uma revelação; repetida agora no senado, foi um ensinamento. Quando, porém sua ex. securar as redeas do governo, será então o raio pendente das mãos de Jupiter.

Preciso foi, contudo, que em 1879 o guindassem ao Olympo e envergassem sua ex. a farda de ministro, antes a librê de lacaio, para adquirir tão excepcional sabedoria e, como philosopho e propagador que é, transmitti-la aos povos.

Era mais uma verdade arrancada como um diamante ás entradas do incognito. Sua divulgação, como tantas outras descobertas científicas, ampliará os horizontes da felicidade pública.

O poder é o poder! Ribomba e repercutem como uma descarga eléctrica no espaço! Bello e assombroso como as revoluções da natureza!

Sim, senhores! Onde veem, a capitolina phrase é a synthese do vasto programma do partido liberal, o moderno Jano político.

**

Tão estupendo e transcendental aphorismo, qual o cavallo de Troia, encerra em seu bojo tantos problemas, quantos inimigos continha o celebre quadrupede de pau.

Com o seu estrondo despertou-se a atenção dos humanitários senadores Nunes Gonçalves e Corrêa. S.S. ex**. resolveram reclamar o sr. Silveira Martins para o gremio da sociedade Protectora dos Animais.

Quiz o sr. Silveira Martins demonstrar a força e exactidão de sua phrase. Para este fim encarregou-se de apresentar ao senado aquella indicação, na qual reconheceu a illegalidade do procedimento do governo contra os militares. Quem diria que havia de ser o Sr. Silveira Martins quem, para manter o ministerio, se incumbisse de formular e oferecer a nota da capitulação, do poder em face do manifesto militar?

Obvio parece, portanto, que para s. ex. impor-se a missão que desempenhou, fôr mister perceber grandes falhas na sua clava autoritária.

Assim é intuitivo que tenha s.ex. monologado, alludindo ao ministerio Cotelipe :

« O poder não é o poder; é a lei, o direito, e a justiça em effectividade incessante. »

Onde estes principios cardeas das sociedades organizadas não imprimam, não ha poder; em seu lugar dominam o arbitrio e a prepotencia em quanto dispõem de força que os apoie. Falte-lhes esta, ou resista-lhes outra maior, cahem por terra.

E' immoral o poder que não respeita o direito.

Exorbitando da lei, longe de fortalecer-se, debilita-se.

Nenhum poder é o que deve ser sem dignidade, e a dignidade do poder consiste em acatar a dignidade humana. O capricho, a vaidade e obstinação no erro nunca foram columnas do poder, senão a armadura dos hypocritas e fanfarrões investidos da autoridade».

Taes reflexões forçosamente devem ter convencido ao sr. Silveira Martins da falsidade de sua proposição.

E porque o ministerio Cotelipe por seus actos tornou-se a negação do poder — patenteando-se immoral, arbitrario, caprichoso e obstinado no erro com menoscabo da opinião publica; a indicação do sr. Silveira Martins é para s. ex. a palinodia de uma afirmação bombastica, ao mesmo tempo que para o ministerio Cotelipe é o flagicio humilhante de sua presunção e petulancia.

**

O desfecho da questão militar, questão que só teve importancia e só atraiu a atenção publica pelas mystificações e inconsequencias de um governo fraudulento, é uma das scenas mais barathadas e mais atordoadoras de toda a comedia constitucional do imperio.

Sob a iminencia de ruidosa pataeda, os comediantes perderam a tramontana, desvieram-se do ponto, assassinaram a peça.

Por commiseração de seu desatino, o publico não os reprovou a tacão, mas rio-se á surdina.

O senado usurpou o papel da cámara dos deputados, fez o que somente a esta competia. A cámara, a cidadaria servil e muda do governo, já nulla pela sua nullidade ingenita, desceu com o ministerio até ao ultimo degrau do desprestigio, provando não ser mais que uma cámara de eunuchos orientaes.

E etiamnam-se estes mutilados, representantes da nação!

**

Da anarchia mental que tão extranhamente se evidencia no funcionamento e em todas as manifestações dos poderes publicos, é uma atestação viva a scena a que acabamos de referir-nos. Essa deslocação, que desde annos se opera, da actividade parlamentar da cámara dos deputados para o senado, é um dos symptomas da ruina profunda das instituições monarchicas.

Como ha de fallar e agir digna e patrioticamente uma assemblea de mediocridades ambiciosas, dependentes, cujos diplomas de representantes devem a intervenção oficial, a fraude e ás influencias escravistas!

Prosternar-se diante de um governo mesmo vilipendiado, é a sua altitude; carregal-o aos hombros, a sua missão.

Supremo aviltamento!

**

Quem demovêu o sr. Cotelipe da posição que assumira no senado na sessão de 17 de Maio?

Que impellio os liberaes a virem em seu socorro?

De certo, não foi o receio de conflito armado, de perturbações da ordem publica, de effusão de sangue, nas ruas, etc.

O que aterrou o governo e a essa oligarchia de amigos e adversarios, fruidores dos proveitos de altos cargos e posições, foi o espetro da Republica.

Dante de seus olhos assombrados, a figura da Republica assomava resplendente e magestosa, e recebia os aplausos populares, mal se extinguiam as espiraes de fumo da conflagração.

Tornou-os lividos de medo, não a ameaça das instituições, mas a de seus interesses oligarchicos.

A idéa republicana generalizada, scintilante a todas as vistas, corporisou-se formidavelmente em face d'elles.

Bastou a sua visão para constranger o governo a recuar e a submitter-se.

Sublime! A idéa republicana obteve assim o reconhecimento oficial de sua propagação e de sua força.

**

Temendo resistir, depois de suas bravatas, preferio o sr. Cotelipe submeter-se a demitir-se.

Para almas laes, a demissão é menos honrosa que o poder com ignomina.

Não funcionando o imperador, ha todo o interesse em ir com o poder atá a proxima regencia, mirando a probabilidade de sustentá-lo ainda durante ella.

As commissões parlamentares não foram ainda recebidas, nem o serão mais. O imperador tem perturbadas, pela molestia as suas faculdades mentaes. Não discerne, não tem consciencia de seus actos, não delibera. Está morto, moral e politicamente. Mas o ministerio oculta este grave estado de sua magestade e sequestra-o das vistas da nação. N'este estado inconsciente, tudo consegue d'elle, até, dizem, a nomeação immoral e provocadora do Sr. Coelho Bastos, o capitão-mór do mato, verdugo dos escravizados, vergonha da magistratura, para presidente da Relação da Corte!

Assim tem o ministerio trahido e trahi a nação. E' um governo traidor.

E camara dos deputados, senado, partidos, imprensa, todos guardam silêncio; não denunciam francamente a verdade, a situação anomala do paiz.

Mente o ministerio, mentem os boletins, mentem os funcionários imperiales, e todos repetem a mentira em publico, mas cochicham a verdade por toda a parte.

Porque, para que essa conjuração do silêncio em publico, quando todos conhecem, sabem e dizem a verdade de brixinho?

Para que essa farça universal?

E' grave e é triste!

O governo está acephalo. O poder executivo não tem chefe. O que fazem figurar como tal é uma sombra, como sombra é o poder do sr. Cotelipe e o resto do ministerio.

Governo e partidos monarchicos consideram que é agora que o imperador é constitucional e irresponsável: rei-automatico, rei-fielão.

**

O aspecto geral da nação é o mais triste e desolador. As províncias em geral na miseria. O direito, a moral e a justiça, espancados. A confusão dos espíritos simula a confusão das linguas. Partidos desprestigiados, fracos, rotos, corruptos, sem conexão de idéas, de princípios e de intuições, sem pessoal digno para dirigir-los, nem para dirigir o paiz: semelham bandos de corvos fânelicos, procurando cada individuo satisfazer o mais que pode a sua cobiça. Mil problemas sociais urgentes, sem solução: o abandono de tudo e de todos; as finanças cada vez mais sombrias, mais complicadas e ameaçadoras, e os grilhões da escravidão ainda arroxeando os pulsos e a consciencia de milhares de brasileiros. Eis o que nos tem dado a monarquia; eis o que nos deixa o reinado do Sr. D. Pedro II; eis como finalmente vai o Brasil entrar em poucos dias no domínio regencial ou do terceiro reinado!

Brasileiros! E' o momento de agir energicamente; é o momento de vos impordes e salvar a Patria.

Arrancae-a das mãos de reis ineptos e entregue-a ao governo do povo pelo povo: a Republica Federal.

DECLARAÇÃO POLITICA
dos
REPUBLICANOS DO 10º DISTRITO
DA PROVÍNCIA DE MINAS.

CONSIDERANDO que é do interesse de um governo por tal forma constituido assentar-se sobre o servilismo do povo, cujos braços manieta pela ignorancia, pela pressão caustica da corrupção, que, avassallando e enfraquecendo a energia do cidadão, desvanece igualmente os brios de toda a nação, que se queda em vergonhoso abatimento;

CONSIDERANDO que a unica salvação só pode advir do governo democratico, do governo das responsabilidades, do governo do povo, visto como o paiz em nada tem progredido sob a forma actual do governo que tão desastrosamente o rege, bastando tão longa quanto dolorosa experimentação para pôr fôr de dúvida que nada mais é dado esperar-se;

CONSIDERANDO emfim, que a fórmula democratica de governo está na indole do povo brasileiro, tanto que por ella tem-se por mais de uma vez revolucionado o paiz em movimentos patrióticos, suffocados todos pelas tropas mercenarias do rei;

Os abaixo assignados declaram-se partidarios do «governo republicano federalista», em completa opposição á politica militante, que sustenta a monarchia, e, hasteando a bandeira da propaganda democratica, que já se desfralda em outros pontos do territorio brasileiro, tomam ante o povo e suas consciencias o compromisso altamente solemne de engrossarem, neste 10º distrito de Minas, as forças da grande idéa, suffragando com seus votos de hoje para todo o sempre sómente aquelles candidatos que ás urnas se apresentarem em nome dos principios puros da democracia.

E, assim pre-tam homenagem á memoria indelevel do proto-martyr brasileiro, o immortal Tiradentes, o bravo mineiro, que apontou ao brasileiro o catinhol da redempção, embora á sua entrada tivesse de cair sob o punhal perverso dos sicarios da realeza, embora não lhe fosse dado mais que fecundal-o com seu sangue, que não se perden no solo nacional, porque ahi está, ha quasi um seculo, fazendo arraigar-se, crescer e esgalhar-se a feracissima arvore da liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

(Seguem-se 200 assignaturas).

REFORMA MUNICIPAL

I

Não ha no Brasil um chefe politico, escriptor publico ou tribuno popular tão fortalecido na opinião, que possa contar com o dia seguinte.

Acoimam por isso de indiferente o povo, que disser ter o governo que merece.

Em vez de accusar o fraco, o opprimido, o espoliado porque se resigna, fôra mais acertado indagar a causa d'essa passividade que nem pede novas instituições, nem defende as que tem.

Não são mais para louvores as esteris e pueris recriminações contra o poder pessoal, que é a ictericia dos partidos reduzidos á meia ração.

O povo brasileiro, exceptuados os traços que formam a sua physionomia, equivale a qualquer outro do mesmo grau de cultura.

Por seu lado D. Pedro de Alcantara não se distingue por qualidade alguma excepcional. Ha milhares de compatriotas seus que representariam sem diferenças notaveis o mesmo papel.

Os cidadãos não abandonam os negócios publicos; estão excluidos d'elles.

O imperador não excede os poderes que tem na constituição, nem se substitue á opinião e aos partidos, senão porque a opinião e os partidos ainda não se constituiram de modo a desempenhar a sua missão social.

Exagera-se fatalmente a actividade de um orgão e dilatam-se as suas funções quando os outros são rudimentarios ou estão atrofiados.

Estudemos os factos.

A cellula politica é o municipio, escala primaria de governo e de civismo.

Onde a vida local estiver devidamente organizada, mostrar-se-ha vivaz o patriotismo, os interesses collectivos serão zelados, e o poder central ver-se-ha aliviado do enorme fardo com que o acabrunha a centralização.

Entre nós o municipio é apenas uma recordação.

Nos tempos do absolutismo, o povo deliberava em massa, e com seus procuradores a frente, ia ao senado e a camara pedir provisões sobre os negócios communs.

Na capitania de S. Vicente havia ás vezes uma especie de federação de municipios para tratar de certos assumptos, como aconteceu quando foram expulsos os jesuitas.

Mais tarde ainda algumas camaras municipaes fizeram reflexões aos reis, discutiram e protestaram.

O novo regimen, tirando ao municipio a influencia politica, commeteu o erro de por igual desinteressar os cidadãos da administração.

E para aggravar o desacerto, o poder central de dia em dia foi usurpando as funções municipaes, esbulhando as camaras, alé reduzil-as á irrisão da mendicidade e ao opprobio da criadagem de fidalgo pobre e insolente.

Veio para remate e corda da obra, o censo alto reduzir os cidadãos activos, o paiz legal, a uma minoria ridicula, recrutada quasi toda nas repartições publicas.

(Continua.)

NOTAS

Sobre a Municipalidade

Inconstitucional, centralizador, crassamente contraditorio, incoherente, retrogrado, emfim, eis o que deputados liberaes e conservadores tem dito da tribuna que é o projecto de reforma municipal do sr. Paulino de Souza, ora em discussão na camara temporaria.

Como vêem, este projecto é uma outra mumia egípcia que para nada presta; mas foram-n'a arrancar do pô de 20 annos e quem-n'a por força galvanisar. Isto não passa de uma barretada ao chefe da junta do coice, promovida por seu irmão o ministro Belisario, principal e mais interessado promotor da exhumação.

N'estes politicos da monarchia tudo é subjectivo. Fóra da pessoa ou do partido nada mais encheram, salvo o subsidio.

×

O Brasil cresce

Isto aqui, sabem todos, é uma grande terra. Se a riqueza publica não aumenta e pelo contrario decrese na razão directa do desenvolvimento rapido da divida consolidada e fluctuante do Estado; em compensação cresce e dilata-se quotidianamente a sua nobreza e fidalguia. Novos membros entram para a ordem e os da ordem sobem de posto.

Os titulos cahem das alturas como chuva e a chuva faz a causa subir e alastrar-se como capim.

Seremos ao menos uma nação rica de grandes, e os grandes do Brasil, para orgulho nacional, assoberbarão aos de Espanha.

O sr. Barão de Ibituruna acaba de ser eleito a barão com grandeza.

O sr. Nuno de Andrade acaba de receber o titulo de Conselho.

Quando ha pouco um horror de tabareus foi feito grande; porque deixaram de selo estes dois distintos medicos e funcionários publicos?

Quem não tem cão, caga com gato (Silveira Martins). A' falta de dinheiro e de juizo valham-nos fidalgos.

Grande terra é o Brasil!

×

Viagem do imperador

Segundo noticiam as folhas diarias, está decidida, por em quanto em familia, a viagem do imperador a Europa, afim de tratar de sua saude. A enfermidade atacou profundamente as faculdades mentaes de sua magestade, de sorte que se appella para uma viagem a Europa como a unica esperança.

A despeito d'este estado grave do imperador, o ministerio fal-o figurar ficticiamente á frente do poder executivo, e para melhor illudir a nação, sequestra-o das vistas d'ella.

Na verdade, é este o procedimento de um governo que posterga a constituição do imperio, mas ninguem lhe vae ás mãos.

Permuta de jornaes

Do grande numero de jornaes que nos são enviados de diversos pontos, difícil é extractar o que de mais notavel apresentam. Todos em geral esforçam-se para desempenhar dignamente a nobre missão de instruir e orientar a mentalidade de seus leitores. D'entre aquelles, contudo, alguns accusam tão pujantes qualidades, bem como manifesta elevação de espirito, que detemo-nos com summo prazer e proveito na leitura e ponderação dos escriptos que estampam.

Os que vêem á luz na *Gazeta da Comarca*, publicação bi-setmanal de S. Fidelis, bem podem alinhar-se á categoria das produções sãs e altamente beneficas. Na serie de artigos que iniciou sob a epigrafe — *Transformemos a lacoura*, següimos *pari passu* o desenvolvimento magistral de uma these de indiscutivel interesse e oportunidade.

Alguns periodos que passamos a transcrever darão idea da proficiencia e energia do seu autor.

«A lavoura tem engrandecido justamente aquelles que a opprimeem, que a aviltam, ou que a esquecem: a oppressão representada nos impostos, o aviltamento na exploração revolante da sua boa fé, o esquecimento na indiferença criminosa com que encaram as necessidades mais urgentes. A lavoura tem enviado á camara dos deputados representantes que nada tentaram em favor do seu interesse collectivo, que permaneceram frios e silenciosos diante das questões mais serias que foram debatidas na tribuna e na imprensa: representantes que se limitaram a prestar o juramento do estylo e nem ao men s um indefectivel — apoiado — deixaram escapar casualmente dos labios cerrados; que trahiram desdenhosamente o mandato que lhes foi confiado e faltaram a todas as promessas feitas nas circulares de apresentação; representantes, emfim, que nada representaram, advogados que nada advogaram, protectores que nada protegeram. E no entanto, por esses homens, aos quaes, além dos titulos conferidos pelas academias do imperio, dâ-se o de — augustos e dignissimos representantes da nação — a lavoura empenhou-se em mais de uma lucta seccou, deu, fez empaestimos, arruinou-se.

Tudo isto para que os eleitos da-lavoura, os propugnadores do seu bem-estar futuro, assumissem no parlamento a immobilitade das estatulas e abrissem as algibeiras ao pingue subsidio!

E, apesar d'isso, é esta mesma lavoura deu ainda hoje, e depois das amargas desillusões que tem experimentado, acalenta extremecicamente em seu seio essa politica monstruosa feita de protervias e de abjecções, e pretende talvez ir com ella á conquista de um futuro problematico. Ainda lhe sobra a boa fé para crer nas promessas ficticias dos que pretendem guindar-se á representação nacional e as pistas ministeriales, pouco lhes importando os meios para a consecução dos fins; e ainda está disposta a emprehender novas lutas por elles, a arruinarse pelos seus *escholhidos*, porque não tem força nem ação proprias para romper com essa negregada politica, que lhe de extinguir-lhe n'alma os ultimos vestigios da energia moral».

×

Pôde ser que sim, pôde ser que não

Quando discutia a indicação Silveira Martins sobre a questão militar, disse o sr. Alfonso Celso que o senado devia approval-a afim de evitar luta armada e effusão de sangue, não obstante estar certo que no caso de um conflito o governo sahirá vencedor.

Não verificámos se estava presente o sr. Lafayette; mas na ausencia de s. ex., o sr. presidente do Conselho poderia contestar:

— Pôde ser que sim, pôde ser que não.

A certeza do sr. Celso foi inspirada, sem duvida, pela lembrança da questão do vintem.

Todavia s. ex. julgou melhor não tentar-se uma experientia.

Manifesto republicano

Completamos n'este numero a declaração politica dos republicanos do 10º distrito de Minas. Como essa, iremos reproduzindo outras que se salientarem pela hombridade e lucidez dos argumentos.

Damos tambem publicidade ao artigo editorial—programma, com o qual o periodico *A Propaganda* do Juiz de Fora iniciou o seu apparecimento na imprensa, felicitando-nos por enriquecer a nossa collecção com produções de tanto valor.

Eis-o:

«Disseminar as idéas democraticas sem rebuço e com firmeza;

Repetir ao povo seus direitos e deveres;

Dar rebate contra os assaltos ás liberdades publicas e individuaes;

Offerecer batalha franca e leal aos velhos preconceitos empecedores do progresso nacional;

Clamar, emfim, contra os excessos, demandos e actos arbitrios dos Poderes Publicos que importem gravames ao decoro e a dignidade da Patria;

Tal é em synthese a missão da *Propaganda*, orgão do partido republicano, que ainda hontem começo de constituir-se n'este 10º distrito de Minas por um panhado de cidadãos devotados á causa publica.

Certa dos molejos cobardes dos intolerantes retrogrados que aos soldados do povo alcunham de loucos e famintos de honrarias, por força do miserando sistema de corruptela que a tantos tem conspurcado; certa da risota sarcastica dos oportunistas medrosos, espíritos timidos e inconsequentes, que alvejam o progresso sem esforços, doação exclusiva e espontânea da Providencial Bondade; mas, tambem segura da legitimidade da causa que defende, escudada nos bons principios que propaga, fortalecida pela consciencia do dever, a *Propaganda* não se teme de trilhar por entre urzes espinhos.

Apraz-lhe mesmo a luta no terreno franco da resistencia aberta; mas a luta nobre, a luta cortez.

Sem outras limitações que o civismo do trato devido ao adversario e à fineza de linguagem compativel com a nobreza e magestade da causa por que se esgrime, sem outro planal que a verdade, sem outro escópoo que o bem e a felicidade do povo, a *Propaganda* protesta não recuar na liga das idéas, pondo á margem sempre e sempre as questões meramente individuaes, os factos que por seu carácter puramente privado furtem-se á tela das apreciações publicas.

Embora politica a sua feição caracteristica e predominante, a *Propaganda* abre todavia espaço á litteratura que distrahe o espirito e ameniza os costumes, noticia ao povo factos ocorridos de interesse local ou geral, approximando-o assim dos acontecimentos, fontes muitas vezes de proveitosos ensinamentos, commentando-os, quando possível, á luz dos principios que defende.

Franquá as suas colunas ás intelligencias laboriosas, que se prestarem a collaborar em bem da comunhão, uma vez que se atenham ao círculo traçado pela *Declaração politica* abajo transcripta, que d'este artigo de apresentação faz parte, melhor frisando o programma politico do modesto jornal. (1)

×

Caso grave

O sr. Lourenço de Albuquerque, deputado sebastianista, declarou na camara que se a indicação Silveira Martins era do partido liberal, s. ex. não pertencia a este partido.

Nunca pertenceu dizemos nos, e só metteu-se n'elle para otrahir.

Quem não sabe que o sr. Lourenço só pertence ao partido de seu tio? Que s. ex. é tão escravista e tão conservador como elle?

A sua declaração é muito grave!...

(1) Vem em seguida a *Declaração*, cuja 2.ª parte damos n'este numero. N. da R.

Pelo Correio

Damos acesso em nossas columnas ao manuscrito que nos foi enviado por cavalheiro, e quem, não tendo nós a honra de conhecê-lo, ficamos desde já penhorados pelo seu valioso concurso intelectual.

Eis-o:

Sr. Redactor. Quem para ter conhecimento do passado consulta o grande livro da humanidade, a historia, ha de por certo chegar à conclusão de que: todas as aspirações generosas, todas as ideias grandes, tudo, enfim, que concorre e tem concorrido para a grandeza, civilização e aperfeiçoamento da raça humana, germinou, cresceu e produziu primeiramente no coração dos moços.

Dotados de uma imaginação ardente, de uma inteligência perscrutadora e arrojada, os moços adherem com devotamento a tudo que é grande e sublime. E' convicto d'esta verdade que Lamartine, cheio de entusiasmo exclama: Qual o coração de 20 anos que não sonhe com a república? a república que é a synthese das aspirações politico-sociais!

Diante do descalabro em que vai o paiz, os moços não podiam nem deviam ficar mudos e quêlos.

Acaba de inaugurar-se mais uma associação republicana, debaixo dos melhores auspícios, com o fim exclusivo de apressar o movimento republicano, agitar e agitar a idéa até levá-la ao cabo!

Sim, os moços alcunhados de imprudentes e de loucos estiveram sempre na vanguarda do progresso social.

A patria brasileira é uma das que mais devem aos moços.

Abri a historia, e desde os tempos coloniais já elles prestavam serviços e serviços enormes; pois à mão armada em 19 de Setembro de 1710 rechaçaram e fazem capitular Carlos Duclerc, que entra na cidade do Rio de Janeiro abandonada pelo governador Francisco de Castro Moraes. Mais tarde Duguy Trouin, vingador da morte de Duclerc, tem ainda de bater-se na mesma cidade com Bento do Amaral Gurgel e seus colegas.

A nossa INDEPENDENCIA dizem-nos todos os historiadores, foi sonhada por estudantes, moços inexperientes que não conheciam o grande mal que praticavam.

Em 1786 a idéa da independencia do Brasil não passava de uma utopia, de arroubos de moços. Entretanto 12 estudantes, loucos, que cursavam a Universidade de Coimbra, reunem-se, comprometem-se a trabalhar pela independencia do Brasil, sua patria, logo que isto fosse possível!

Este comprometimento é logo seguido de outro; Os estudantes brasileiros da faculdade de Montpellier entendem-se no mesmo sentido e um d'elles chega a conferenciar com o ministro dos Estados Unidos, pedindo a proteção d'este paiz em beneficio da patria!

Os moços são sempre os mesmos; quaisquer que sejam os ramos de sua carreira, sonham sempre o que é grande com o que é sublime.

Os da actualidade pretendem seguir o exemplo dos passados e servir de norma aos futuros!

Levantaram o labo do república e só o largarão depois de ganha a victoria. O programma da nova associação é o mesmo do batalhão sagrado organizado por Pelopidas: *Inseparáveis na morte assim como na victoria*, o batalhão sagrado, tem-se reunido diversas vezes, nos salões da «Arcadia Litteraria» e brevemente publicará o seu manifesto ao povo. Acordamos, confiados na nossa propria fraqueza!

Avançaremos para o campo da Liberdade.

Defenderemos o nosso palladio, que a realza conspura!

Saudando ao sr. Redactor, dou os mais gratos parabens ao paiz, pois anlevoje uma aurora mais risonha para todos os bons brasileiros.

Correligionario,
FRANCISCO RIBEIRO.

Rio, 23 de Maio de 87.

Imigrantes vagabundos e mendigos

Em um discurso profrido no senado, em 21 do corrente, o sr. Taunay tornou manifesta e censurou muito justamente a relaxação de nossa administração publica, permitindo que o paiz, e principalmente a capital do imperio, seja infestada de grande numero de mendigos e vagabundos estrangeiros, que para aqui imigraram com o fim proposital de explorar-nos pela mendicidade.

Esta exploração da caridade publica do Brasil desde muitos annos é exercida por imigrantes estrangeiros; mas ultimamente tem tomado proporções medonhas e constitue uma praga que nos afflige e immensamente depõe contra a administração do paiz.

O sr. Taunay descreveu com inteira exactidão este estado de cousas, triste e vergonhoso, e o r pugnante espectáculo d'esta cidade e sua população fortemente mesclada de bando de mandriões e pedintes estrangeiros, de ambos os sexos, farroupilhas, andrajosos, imundos, ascarrentos, pousando ou vagando pelas ruas e praças, atropelando ou vedando o transito publico e a todos vexando com o seu aspecto, as suas supplicas e lamenrias.

Com efeito, é isso uma das provas mais frisantes da indiferença e abandono criminoso com que o governo olha para os males que nos acabrunham, para os assumptos de interesse publico que, affectam o bom nome d'esta terra.

Todas as nações do mundo do despejam sobre o Brasil não só a sua população invalida, como cegos, tortos, mancos e aleijados que para aqui vêm mendigar com realejos, gaitas de folles, rabecas e violões, como as suas fezes sociaes, vagabundos, ebrios, gatunos, salteadores e assassinos, que aqui vivem da mendicacia e do roubo.

De sorte que à miseria, já bastante extensa do paiz, adiciona-se essa grande miseria adventicia, tornando numerosíssima a população miserável do imperio. E o governo imperial, despreocupada e negligente mente consente que a nação seja d'este modo convertida em receptáculo dos detritos das outras nacionalidades, que assim se limpam de tudo que de esqualido encerram.

Este estado reclama um prompto e energico remedio. E' urgente não só repelir todos os imigrantes nas condições inservíveis já descriptas, como fazer repatriar todos os vagabundos, mendigos e invalidos estrangeiros aqui existentes.

Não é d'essa gente que o paiz precisa, mas de imigrantes validos, laboriosos e morigerados.

Applaudimos o sr. Taunay nas suas idéas e muito folgaremos que o governo o ouça. Mas duvidamos muito. O governo monarchico aqui não attende a essas cousas; convença-se d'isso o sr. Taunay. E' um governo indigno.

Questão militar

Já foi expedido pelo ministerio da guerra o aviso mandando trancar as notas de censura aos militares por uso de imprensa.

O governo foi obrigado, finalmente, a ser leal, quando podia tal-o sido pelo dever do alto cargo que exerce.

Fez o papel de um devedor velhaco coagido a pagar com escândalo pelo credor.

Que a lição lhe aproveite e lhe dê vergonha, é quanto desejamos.

Corrigenda

Sentimos ter-nos escapado, entre outros erros um que impossibilita a comprehensão de um periodo inserto no artigo — Separação e Federalismo, do numero precedente.

Deve ler-se:

Como o personagem que fallava em prosa sem o saber, os cidadãos neutros, também chamados republicanos de coração (está republicanos declaração), são inscientemente con-vresadores da peior especie.

Mais um para a roda

Novo projecto de casamento civil, mas facultativo, apresentou a camara dos deputados o sr. Matta Machado. Não sabemos porque não quiz s. ex., como devera, ser radical, estabelecendo o casamento civil obrigatorio; e quando conservadores como o sr. Taunay, ex-João-Mauricio e outros o são n'esta matéria, é estranho que se mostre ecclético n'esta que se diz democrata puro. Este sr. Matta Machado é assim um legislador de meias medidas, como o pseudo partido liberal-monárquico em que milita s. ex.

Não ha razão para não se preferir o casamento civil obrigatorio, porque, além de ser isso um principio de igualdade, uma formula para todos, não implica nenhuma crença religiosa, nem inhibe aos catholicos, que não se julgarem bem casados de recorrerem à igreja.

O projecto do sr. Matta Machado que já é o 4º, senão o 6º, apresentado ao parlamento que de nenhum se ocupou, nem se ocupará, será mais um atirado à roda dos engeitados.

X

Liberdade dos escravizados

Pelo projecto que no dia 20 apresentou à camara dos deputados o sr. Jaguaribe Filho, os escravizados serão declarados livres no dia 28 de Setembro do anno proximo, mas vinculados por 5 annos aos seus ex-senhores, prestando-lhes serviços remunerados à razão de 60\$, a 26\$ por anno, conforme a idade e o sexo, e recebendo delles alimento e vestuário.

Era para acreditar-se que, depois de tanta cogitação e estudo, como diz ter feito o sr. Jaguaribe Filho sobre a matéria, produzisse obra que prestasse.

Mas não. O projecto de s. ex. é apenas um prolongamento da escravidão por mais 6 annos, minorada alguma cousa, é certo, dos rigores actuais.

Mas essas attenuações minimas à condição dura de homens declarados livres, ao mesmo tempo que ficam obrigados a serviços aos mesmos senhores, por longo prazo, mediante uma remuneração irrisoria, soyina, miserável, sem direito a havel-a senão no fim do novo captiveiro, além de outras disposições cohercivas; são ridículos, são um cumulo de contradição e atestam grande pobreza de espirito do legislador — o cunho geral dos nossos legisladores.

Mais racional e logico é o projecto do sr. Affonso Celso Junior e, por isso mesmo, não foi julgado objecto de deliberação.

Admira-nos, pois, tanto esforço do sr. Jaguaribe Filho para dar à luz um anão!

X

Club Dramatico Kean

Prepara-se este club para, com o brilho, levar, em 4 do corrente, a efecto, no theatro Santa Theresa de Nietheroy, a sua 6º recita com a presentação do drama «Magdalena» de Pinheiro Chagas. Acedendo ao convite que nos foi graciosamente feito, não nos furtaremos a comparecer àquele sarau, e aguardamos para então encarregar a louvável iniciativa dos distinguidos amadores, que, de certo, não desmentirão a fama que grangearam de talentosos, conseguindo por essa forma vencer as dificuldades que avultam na arte dramatica.

X

Ainda liberdade dos escravizados

Diferentes fazendeiros de Campos declararam libertar os seus escravizados no dia 7 de Setembro de 1890 e desistirem dos serviços dos ingenuos.

Estes fazendeiros são mais logicos e generosos que o sr. Jaguaribe Filho e a deliberação d'elles é mais racional que o projecto do sr. deputado, que também é fazendeiro.

Os taes legisladores são mais realistas que o rei.

Movimento republicano

Extractamos do periodico «O Mineiro» que se publica em Barbacena, o que vai ler-se a continuação, para darmos aos nossos leitores uma idéa do auspicioso movimento que se revela em toda a parte.

Já o dissemos repetidas vezes n'estas columnas: manifesta-se no interior, em todas as províncias, um impulso sumamente lisonjeiro e esperançoso em prol das idéas que não de em breve impetrar e fazer d'esta patria o berço de corações livres e fadados ao engrandecimento.

Depois da referencia diversas medidas que se discutiram na reunião do club republicano installado n'aquella cidade, vem o seguinte trecho:

«Alguns membros da assembléa julgando de urgente necessidade decidir-se o modo de proceder do partido republicano perante as eleições senatorias, que em breve se efectuarão n'essa província, requereram que fosse este assumpto discutido quanto antes; depois de se manifestarem diversas opiniões, todas, porém, espreitando sempre a idéa principal do regimen da Republica Federal, ficou resolvido o seguinte: O partido republicano de Barbacena deseja intervir nas eleições senatorias; quer porém que sua intervenção se faça de commun acordo com os diversos centros e nucleos da Província de Minas Geraes; e para isto o partido autoriza o Presidente do Centro Barbacenense a comunicar esta sua resolução a todos os correligionarios, e de combinação com elles organizar-se a chapa, em que figurem 3 nomes republicanos, para serem sufragados nas proximas eleições senatorias.»

Em Sant'Anna da Barra declararam-se varios cidadãos adherentes à república.

Em Tres Pontas e em Tres Corações do Rio Verde engrossa todos os dias o numero dos adherentes republicanos.

Na mesma localidade passou para o partido republicano o cidadão Manoel Torres.

«A 9 do corrente, dia da fundação do «Club Republicano dos Tres Corações do Rio Verde, ainda 13º distrito, também se declararam republicanos os srs. Cornelio Mario Pereira, Nicolau Serio, Francisco José da Silva Porto e Ariundo Thomaz de Rezende.»

Fundou-se em Joinville (Santa Catharina) um club adstrito à mesma idéa.

Em S. Francisco de Cima da Serra muitos cavaqueiros importantes fizeram igual profissão de fé republicana.

Em Santa Barbara (S. Paulo) elegeram para representar no congresso, os republicanos d'aquele distrito, o Dr. Manoel de Moraes Barros.

Foi deliberada a criação de um club republicano em Piracicaba e nomeada para organizar-lhe uma comissão composta dos drs. João Tobias, Paulo Pinto e professor Augusto Castanho.

Aventada e discutida a idéa da separação da província, foi por unanimidade aprovada a seguinte moção proposta pelo professor Antônio de Carvalho Sardemberg: — Os republicanos de Piracicaba aceitam a separação da província como meio de conseguir mais promptamente a república federativa no Brasil, e rejeitada a idéa da separação em absoluto.

No dia 9 do corrente em Varginha, cidade do 13º distrito de Minas, foi convocada reunião para a formação do partido republicano d'aquele termo e eleição da respectiva diretoria.

Presentes dezoito cidadãos, aclamou-se o directorio, e para a organização do partido aceitou-se «in toto» o manifesto republicano de S. Gonçalo de Sapucahy.

No dia anterior, os cidadãos Joaquim Cândido de Figueiredo, Albano Gomes de Amaral e Pedro Augusto de Carvalho, de Sant'Anna da Vargem, declararam-se republicanos na «Gazeta Sul Mineira», adherindo ao referido manifesto.

Em Sant'Anna do Rio dos Sinos houve diversas adesões públicas ao partido republicano.

Ex-S. João Nepomuceno,— do cidadão João de Paula Cardoso.

Em Cabo Verde, 12º distrito mineiro, o prestigioso e influente fazendeiro sr. Francisco Vaz da Silva Junior.

Na província do Espírito Santo a idéa republicana vai tomando incremento.

Na vila do Cacheiro do Itapemirim, os republicanos proseguem activamente no intento de fundar um club.

No dia 23 do mês de Maio celebraram uma reunião para levarem a efeito o seu projeto.

A escravidão

(Do Rezendense)

Essa instituição secular, que parecia fatalmente arraigada aos nossos costumes, como a ostra à concha onde se abriga, está hoje prestes a dar o último berro.

Já ninguém mais conta com o trabalho escravo.

Todos desejam a terminação d'essa longa agonia convulsa, que está hoje agitando todos os amigos do progresso e da organização do trabalho livre.

A concorrência é ainda limitada, devido a sua perniciosa influência.

O estado de preocupação continua em que vivemos, sem certeza do dia de amanhã é o causador da crise que se nota na lavoura, no comércio e na indústria.

Enquanto perdurar essa situação anomala, a sociedade não pode caminhar.

Precisamos saber no que havemos de ficar.

Ora, a escravidão está condenada irremissivelmente; é, pois, de necessidade impessoal que a administração pública não cruze os braços diante d'essa agitação continua que turba os animos.

Na dúvida cruel em que vive a sociedade brasileira é impossível a formação de uma empresa, que dê poderoso e eficaz impulso à actividade do espírito, em qualquer ramo da indústria.

As fontes da produção tendem a se extinguir, se permanecer esse marasmo, que tudo aniquila, atrofia e mata.

O governo deve intervir, sem perda de tempo, para apressar a solução da crise, que nos arrasta para a banca-rotta, e talvez para lutas intestinas no seio do paiz.

Um rumor surdo e ameaçador se faz ouvir, e quem sabe se não será elle o fatal precursor de grandes calamidades!

O chefe da nação está gravemente enfermo, e o terceiro reinado, entregue às mãos fracas de uma inexperiente mulher, nos trará abarbarado em tantas dificuldades, um medonho cataclisma.

A solução da questão servil, ainda que quasi realizada espontaneamente pela filantropia popular, não pôde deixar de trazer certos embargos ao governo, devido ao grupo dos retrogrados, que na sua louca cegueira pretendem, qual novo Josué, fazer parar o sol em meio da sua carreira triunfal.

A centralização barbara, que pesa sobre as províncias, tem suctado fundo no coração do povo, ahi plantando o desgosto, o ódio à tiranía, e o sagrado direito da revolução.

As aspirações nacionaes ao progresso e à civilização parece que vão encontrar novas barreiras na sucessora do trono.

A magistratura sem autonomia, escrava da política e do empenho, para não dizermos da venalidade, da covardia, da corrupção e do vicio, não garante mais a vida, a honra e os direitos do cidadão.

Tudo cede ao capricho d'esses vis manequins dos potentados.

A escravidão dos homens livres, importados após a lei de 7 de Novembro de 1831, permanece pela connivencia e o servilismo dos juizes, que perjuram infamemente o juramento prestado de cumprir o dever de administrar a todos justiça.

A escravidão negra tem tido influencia fatal nos nossos costumes.

A propria alma nacional parece vítima d'essa maldita instituição.

Os juizes são timidos como escravos.

Temem amar a independencia e a liberdade.

Olham para o cumprimento do dever e para os dictames da consciencia, como inimigos que os arrastam para a perdição e para a perda do emprego.

Tremem diante da verdade como de um animal feroz.

Os fracos, os pobres, os escravos não encontram justiça!

Os grandes e os regulares podem se zangar, e não convém desagradal-os.

Não ha duvidar: essa fraqueza do carácter nacional, manifestada em todas as classes, é o fruto envenenado da escravidão.

Os governos bons pouparam ao povo os espetáculos ferozes. Pois bem, poupe-nos o governo brasileiro o espetáculo da escravidão, que nem um outro existe mais feroz e nem mais barbaro do que elle.

CARTAS DO RECIFE

Com grande pesar, vemo-nos obrigados a transpor para o proximo numero a publicação da carta de nosso correspondente n'aquelle localidade. Pedimos desculpa.

Dr. Aquino da Fonseca

Immensamente dolorosa nos foi a notícia dada pelos diários da manhã de 30 de Maio ultimo, do desastrado falecimento do nosso correligionario Dr. Alfredo Aquino da Fonseca, ocorrido no dia anterior.

Não sabemos que comissões obscureceram a lucida razão do nosso amigo e o arrastaram fatalmente ao suicídio.

Lamentamos sinceramente tão triste e deplorável acontecimento, ao passo que respeitamos os desconhecidos motivos d'essa desesperada resolução; e sentimos tanto mais profundamente, quanto à morte do nosso amigo é a perda de uma grande força nas fileiras republicanas, força emanada da convicção, da intransigência e da nobreza de carácter do illustre morto.

A Democracia entula-se por tão sensível golpe e expressa d'este modo a sua saudade e a sua dor.

SECÇÃO LITTERARIA

A FORÇA DO DESTINO

I AUGURIOS

Sentada ao limiar dos fundos de sua casa, entretinha-se Juliana em ver brincar no terreiro seus dous filhinhos, o mais velho dos quais tinha apenas 4 annos. Era a hora em que a natureza, velando-se de sombras parece estagnada, muda, de respiração suspensa e orar como uma viúva, com o olhar fixo no céu, genuflexa diante do tumulo do esposo amado.

E' esta a hora melancólica do crespulo.

Ali e além, no firmamento, começavam de scintilar algumas lampadas sidereas, ostentando já a estrela Vesper um grande brilho, descedendo rapidamente para o poente.

Não tinham ainda de todo desaparecido os fenômenos do occaso. Em pontos diferentes, as nuvens ofereciam à vista aquellas projeções purpureas, iriadadas que, tanto nos encantavam e maravilham, tornando-se pouco a pouco a rosicler e lvidas. Do local da imersão do sol subia uma vasta encandescência como o rubor de um longínquo incendio que gradualmente se extinguia.

De repente Juliana, como que impelida por uma pilha eléctrica, levanta-se, corre à cosinha, toma de um tição e arremete-o ao cimo de um coqueiro que com outros se perfilava ao fundo do quintal. A palmeira era nova e ainda pouco alta e o projectil arrojado com impeto esbateu-se de encontro a uma das palmas espalhando braços e tagulhas. Ao choque do tição uma ave se precipita espavorida de seu pouso e n'um vôo curvo e rápido desaparece soltando um pio coaxante.

— Que é, mamã, que é? perguntam as crianças assustadas.

— Uma coruja! responde Juliana com voz tremula.

Ela estava agitada, pallida, nervosa. Tinha horror do noctívolo animal e ouvindo-o grunhar em sua frente, afugentou-o com essas severidade que o terror inspiram. Podia-s: supor que Juliana era d'esse temperamento que trata os inimigos a ferro e fogo.

Na manhã seguinte, a primeira visita que lhe entra pela sala de jantar a dar-lhe os bons dias é uma enorme borboleta negra que esvoaça por toda a casa.

— Oh! meu Deus! Cruzes! que agouro! disse Juliana impressionada, enxotando com um espanador de pennis o insecto; — hontem uma coruja, hoje uma borboleta preta! Mau! mau! Não gosto d'isso.

Ficou um momento triste e meditativa. N'este duplo incidente ella notava uma coincidencia que era forçada a traduzir por um mau preságio. Assaltavam-lhe presentimentos inquietadores. Foi isto a sua preocupação de todo o dia.

II

Lisos e CABELLUDOS

Era em 1844. Os tempos corriam agitados na província das Alagoas. Entenderam os lisos e cabelludos dever dirimir pelas armas a sua contenda de interesses pesoas de dominação provincial disputada pelos dous partidos que se condecoravam com aquelles nomes — lisos e cabelludos e empenharam-se em guerra fraticida. Taes acontecimentos deram lugar a ser chamado a combater pela ordem perturbada pelo proprio partido que se dizia o seu mantenedor, o cidadão Oitiseiro, marido de Juliana e infetizmente guarda nacional.

Havia uma semana que este defensor da segurança publica partira de sua casa, em Sta. Luzia do Norte, de uniforme e espingarda ao ombro a juntar-se ao seu batalhão, um dos que deviam entrar em fogo contra os cabelludos. Depois a mulher não teve mais notícias do marido.

Os lisos eram então os governistas, os cabelludos — os oposicionistas em revolta. Liso era a denominação com que se designava o partido que hoje se diria liberal, e cabelludo — o conservador. Na essencia — ambos conservadores, na fórmula — nenhuma distinção, salvo a de pessoas.

Sentindo-se abalados em seus feudos pelo governo provincial; apeados de suas posições, não puderam os cabelludos tolerar a ousadia de os privarem do comando; tomaram as armas e marchando do interior da província para a capital, ahi conseguiram entrar e sustentar um renhido e sanguinolento combate digno de mais nobre causa.

O presidente Souza Franco foi obrigado a refugiar-se a bordo do híate Caçador então no porto.

Isto acontecia n'aquelle tempo. Hoje, nenhum d'esses partidos, cuja bandeira não tinha e nem tem expressão alguma popular, principio algum politico e symbolisava apenas os interesses privados, subjectivos, exclusivistas synthetizados na dominação d'esta ou d'aquelle familia — tem força para tanto. Deixam de ser modernamente tão selvagens, para serem mais corruptos.

Simples influxo da civilização.

Os presidentes de província fazem quanto lhes apraz e toda a sorte de violências empregam contra os adversários. Limitam-se estes a clamor e declarar, a formular queixas como as crianças ao papá e a esperar que o angusto amothes offereça a vez de terem um presidente de sua geração para commetterem identicas senão peores violências.

No decurso d'esta original revolta, digam-o entre parenthesis, deu-se o incendio do engenho de assucar do sr. Perdigão, occasionado pelas forças governistas. Tão funda e concentrada foi a paixão do respeitável senhor de engenho que só teve para expandir a seu recurso de — restaurando a propriedade, tornar o passado desastre memorável com a seguinte característica denominação: — Engenho Incendiado pelo Franco.

Mas n'aquelle manhã em que Juliana, aprensiva, incomodada, expellia de casa como um agouro a borboleta negra, batia-se com todo o denodo nas ruas de Maceió o guarda nacional Oitiseiro na luta travada com os cabelludos assim de destroçal-os ou repellil-os.

O combate, começado pela manhã só terminou depois das duas horas da tarde. Os cabelludos retiraram-se batidos.

III

UM CÉU QUE SE ENTREABRIA

Na praça dos Martyrios, em Maceió havia um sobrado de acanhadas dimensões para o qual se entrava por um portão de madeira em uma cerca lateral. Seis meses depois da guerra de partidos a que acabamos de referir-nos, notava-se n'este sobradinho a presença de uma mulher moça, bella, vivesa, cujos encantos e mocidade mais resplandeciam sob o luto de seus vestidos. As suas formas bem contornadas e flexíveis, patenteando uma physionomia franca, mobil, doce, insinuante, uns olhos rasgados, vivos, fulgurantes e uma boca pequena, vermelha, fresca, erotica. Tudo contribuia para fazer d'esta mulher um tipo perigosamente sedutor. A curiosidade e a admiração dos vizinhos e transeuntes excitavam-se e prendiam-se elevados sempre que aquelle vulto adorável de Judith assomava à sacada do predio ou atravessava a praça para ir à igreja ouvir missa. Seu rosto nevi-rosado, aparecendo d'entre as vestes pretas, dir-se-hia ser a lua sobre um trono do nuvens sombreadas, que a pouco e pouco se transformavam em alfombras de arminho. Porque, a quem se demorava em contemplar aquella fascinadora e primaveral beleza, parecia que o negror do traje sob a irradiação do rosto argentava-se e reflectia. Era, porém, apenas, deslumbramento da vista.

Em breve soube-se que a formosa Psyche era a viúva de um parente do tenente Lins, residente n'aquelle casa. Lins a recolheu quando ella vio-se de repente em abandono e indigência pela morte do marido a quem uma balia victimara na ultima revolta cabelluda.

Era portanto Juliana.

Dizia ella ter lido o augurio de sua desgraça n'aquellas visitas da coruja e da borboleta negra que a vieram surpreender. Considerava-as como sêres agoureados, mensageiros da morte, cujo aparecimento, crê o vulgo ser sempre funesto. Nutria Juliana a mesma crença. O tenente Lins a combatia como supersticiosa, mostrando-lhe que se Oitiseiro não tivesse sido obrigado a tomar parte na luta armada, de certo não teria morrido tão depressa.

Não a convencia, porém.

A jovem e interessante viúva, aceitando a generosa hospitalidade do compadre e sua família, viera abatida, macilenta e acabrunhada pelo infortunio; em pouco tempo, porém, refluor, readquirindo toda a sua opulencia physisca, todas as suas graças naturaes.

Não obstante a pobreza e a sobrecarga dos dous filhos, parecia ao compadre não ser causa muito difícil a viuvinha vir a contrair segunda nupcia. A uma mulher moça e bonita, pensava elle, mesmo nas condições de Juliana, não faltam adoradores; mas se entre estes não é do mesmo modo facil haver um pretendente à mão de esposa, não é todavia causa impossível. Elle fallava-lhe algumas vezes n'este sentido.

— Mas, sr. compadre, eu não penso mais em casamento; não quero mesmo saber d'isso, respondeu-lhe Juliana.

— Porque, comadre? — inqueria o tenente admirado, suspeitando ser uma veneração à memoria do marido.

— Não quero mais escravizar-me.

— Ora! Ora! que idéa! Retorquia-lhe o tenente desiludido! Havemos de ver, comadre.

Com a estada da viúva, tornou-se a casa de Lins um céu que se entreabria às vezes deixando ver em todo o seu esplendor a unicadeusa que, com seus dois anjos n'elle, se encerrava.

Typ. d'A DEMOCRACIA.